

O ÁLBUM BRANCO FAZ 50 ANOS

Sei que alguns leitores esperavam a sequência das peripécias em Portugal, no velho continente. Mas a data não poderia esperar, um dos meus álbuns favoritos chega ao cinquentenário do seu lançamento e tem que ser comemorado, é algo que um beatlemaníaco confesso não poderia deixar passar em branco. Ainda mais o “Álbum Branco”.

O disco intitulado apenas “The Beatles” com o título estampado em alto relevo na capa acabou conhecido como “Álbum Branco”. Foi o primeiro álbum gravado pelo grupo após a morte de Brian Epstein, o empresário que os alçou ao sucesso. Chegou a Franca apenas no início do ano de 1969, embora tenha sido lançado mundialmente como disco duplo em novembro de 1968 (o primeiro da gravadora que criaram, a Apple), após um período de gravações que foram de maio a outubro daquele tumultuado ano que não terminou, de revoltas da juventude e guerras. Dizem que com a eleição do Boçalnaro finalmente 1968 chegou ao fim, mas há controvérsias – particularmente, duvido muito dessas análises definitivas tipo “fim da história”. Já nos filmes de ação e aventuras, geralmente o vilão “morre” no final, mas acaba voltando, espero que não seja o caso do Boçal.

Comprei o meu exemplar na loja de discos do Jorge Kairalla, “A Lâmina de Ouro” com dinheiro que ganhava ajudando (na verdade, mais atrapalhando) no depósito do comércio de couros que meu pai mantinha na Travessa Archetti. Aquela que era a melhor loja de discos da cidade ficava na Praça Barão da Franca e era ponto de encontro de jovens interessados na cena musical, ficávamos nas tardes livres a dedilhar as capas dos discos novos, a ouvir algumas faixas e querendo comprar tudo, mas não havia dinheiro nem Spotify na época. Sai de lá direto para meu quarto na casa da Júlio Cardoso, onde tinha uma pequena vitrola e pus para rodar. Fiquei namorando as fotos e tentando traduzir as letras que vinham encartadas (estava aprendendo inglês fazendo umas aulas particulares com o Manoel Mazzotta, mas essa é outra história). Naquele início de ano, quando começaria a cursar o terceiro científico, teria que decidir o que faria da vida depois, o que também já é outra história.

Sabe-se que Yoko Ono, a então nova namorada de John Lennon passou a assistir as sessões, que antes eram apenas do grupo, nem George Martin, o maestro considerado “quinto Beatle” permanecia nas sessões livres e ensaios dos quatro de Liverpool, gerando uma tensão que, somadas às outras que passavam, ampliou a crise que levaria à dissolução da banda. Boa parte das músicas foram criadas durante a temporada que passaram na Índia. E Eric Clapton, convidado por George Harrison, tocou o maravilhoso solo de guitarra em “While My Guitar Gently Weeps”.

Cinquenta anos depois, aqueles acordes me emocionam como se ainda fosse o adolescente interiorano bobo de uma pequena cidade, como era a velha Franca do Imperador. Como escreveu o escritor angolano José Eduardo Agualusa, “E agora? Agora vamos fazer poesia. Eles odeiam poesia. Porque a poesia é transgressora, irreverente e indomável”. Pois aqui estamos e continuaremos a sonhar, apesar do Boçalnaro.

Mauro Ferreira é arquiteto